

**Ferdinand de Saussure  
e seu saber-fazer  
com a escrita**

ou do que se circunscreve  
de um enigma

COLEÇÃO TERRAMAR

---

Coordenadores

*Nina Virginia de Araújo Leite* (Unicamp)

*J. Guillermo Milán-Ramos* (Udelar/Uruguai – Outarte/Unicamp)

Conselho Editorial

*Cláudia de Lemos* (Unicamp)

*Flavia Trocoli* (UFRJ)

*Viviane Veras* (Unicamp)

*Paulo Endo* (USP)

---

Bruno Turra

**Ferdinand de Saussure  
e seu saber-fazer  
com a escrita**  
ou do que se circunscreve  
de um enigma

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Turra, Bruno

Ferdinand de Saussure e seu saber-fazer com a escrita : ou do que se circunscreve de um enigma / Bruno Turra. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (Coleção TerraMar)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-761-9

1. Análise linguística 2. Psicanálise - Ensaios 3. Saussure, Ferdinand de, 1857-1913 - Crítica e interpretação I. Título. II. Série.

23-176138

CDD-150.195

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise : Ensaios 150.195

*capa:* Studio Rotta Design Gráfico

*gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide

*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras

revisão final do autor

*bibliotecária:* Tábata Alves da Silva – CRB-8/9253

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

2023

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Ao Lucas  
mon bel amour,  
mon anagramme*

## *Agradecimentos*

*A escrita deste texto se fez possível pela implicação de pessoas que em diferentes momentos do percurso se dispuseram a ouvir e provocar, instituindo assim um lugar no qual um desejo pudesse ser sustentado. Agradeço imensamente ao professor Lauro Baldini, pela orientação e por uma leitura precisa, que com intervenções mínimas produziu deslocamentos enormes; ao professor Christian Puech, pela acolhida junto à Université Sorbonne Nouvelle e ao Laboratoire d'histoire des théories linguistiques, em Paris; às professoras Maria Fausta Pereira de Castro e Nina Leite pela abertura ao diálogo e pelas orientações determinantes para o encaminhamento deste texto. Agradeço à professora Eliane Silveira e ao professor Valdir Flores, pela leitura cuidadosa e pelas importantes intervenções. Agradeço à Ana Vicentini, por uma escrita possível. Agradeço ainda aos amigos e companheiros de tese sempre dispostos ao debate, à Valéria Motta, leitora primeira e ouvido privilegiado com quem compartilhei as angústias do percurso; à Patrícia Ribeiro com quem aprendi muito em nossas viagens e leituras ao pé da letra; à Stefania Montes Henriques e à Karen Alves que tanto me auxiliaram na entrada no imenso e fascinante corpus saussuriano, à Thais Costa, pelo acolhimento em terras estrangeiras, por fazê-las tão nossas e por me ensinar um rigor e comprometimento com a pesquisa que só me motivaram. Agradeço ao Ouartre e ao Gpal que me receberam e se tornaram lugares privilegiados de trocas. Agradeço à Bibliothèqe de Genève pela autorização que foi concedida para citar e reproduzir os manuscritos mencionados no livro. Agradeço à Capes pelas bolsas de doutoramento e de estágio sanduíche.*

*Agradeço especialmente ao Lucas Pestana, por todo o amor e toda a compreensão, por entender os efeitos de uma escrita.*

*Nós estamos profundamente convencidos de que qualquer um que  
ponha o pé no terreno da língua está, pode-se dizer, abandonado  
por todas as analogias do céu e da terra.*

Ferdinand de Saussure, 1894





# S umário

Prefácio . . . . .	11
<i>Maria Fausta C. Pereira de Castro</i>	
O içar das velas . . . . .	15
Introdução . . . . .	23
Do que se faz com a escrita na linguística e alhures . . . . .	35
Ler Saussure, retornar a Saussure . . . . .	63
O dentro e o fora da língua: a escrita insiste . . . . .	95
Da escrita à fonologia: literalização e formalização da língua . . . . .	129
De uma outra relação entre língua e escrita . . . . .	157
A semiologia como campo possível: a escrita ex-siste . . . . .	199
Do que se escreve e do que não se escreve da língua. . . . .	223
Da “conclusão mais geral que se impõe” . . . . .	249
Posfácio – No só-depois, o retorno da defesa . . . . .	255
<i>Nina Virginia de Araújo Leite</i>	
Referências bibliográficas . . . . .	259
Lista de Siglas e Abreviações . . . . .	275



# Prefácio

Este livro é uma leitura do caminho trilhado por Saussure ao se haver com a escrita. Mas é também o caminho traçado por Bruno Turra para ler Saussure, quando a psicanálise atravessa e afeta o seu trajeto estabelecendo o ponto de vista de onde lê o que “está escrito”. Trata-se de um trabalho de importância para todos os pesquisadores comprometidos com os estudos saussurianos; suas implicações e as questões que se levantam a partir da decisão de tomar a psicanálise como “método de leitura”, lendo Saussure com Lacan. Como o próprio Saussure já afirmara tantas e tantas vezes, o objeto advém do ponto de vista, do observatório.

Um trabalho sobre a escrita não pode deixar de lado alguma menção a elementos da sua história, mas o problema é encontrar um lugar de ancoragem para dar início à reflexão. É assim que Bruno parte das gramáticas quinhentistas, esclarecendo que estas se situam – do ponto de vista de seus deslocamentos teóricos - a meio caminho entre as concepções de escrita dos gregos e latinos e daquele que é o tema da sua tese, Ferdinand de Saussure. Nota ainda que a época é marcada pela invenção da prensa móvel e das primeiras gramáticas de língua portuguesa. Sob o arco de tantas transformações acompanhamos as primeiras reflexões sobre o modo de as gramáticas compreenderem *a letra* e *a língua* e a estreita relação entre a escrita e a construção de um saber sobre a língua. Esses elementos introdutórios adiantam que o pensamento presente nas primeiras gramáticas difere dos estudos a partir do final do século XIX; nestes últimos a letra entendida sobretudo na sua dimensão visível é deixada de lado, para se dedicarem ao caráter oral da língua. É preciso ler com atenção os termos empregados: o que se exclui é a ideia de “escrivível”, a escrita representan-

do os sons da língua e, sobretudo, sua “dimensão de alteridade que impõe ao sujeito uma nova forma de lidar com isso que o constitui humano, a língua”.

Mas a indagação sobre a escrita como um saber sobre a língua insiste. Passando por Meillet (1912-13), Benveniste (1963) e Aurox (1992), Bruno formula sua questão de base: “Quais relações se estabelecem entre escrita e língua que permitem a afirmação de que a escrita é o instrumento de autosemiotização da língua?”. A questão assim formulada, e seus desdobramentos, determinam o itinerário deste livro, que nasceu como uma tese de doutorado defendida em 2018.

Se a escrita possibilita à língua tornar-se objeto, é com Saussure – para quem a língua é o objeto da ciência linguística – com a sua letra, que Bruno conduz as indagações. Mas, como foi observado, não sem antes tecer um aprofundamento das diferentes hipóteses e obras relativas à história da escrita: uma apresentação com rigor e erudição sobre a incidência da escrita na reflexão da linguística e não só nela; também na obra de historiadores, no pensamento de Derrida e na psicanálise com Freud e Lacan. Uma passagem de Benveniste na aula de 3 de março de 1969 nos mostra a origem da questão formulada por Turra: “a escrita foi sempre e por toda parte o instrumento que permitiu à língua de semiotizar a si mesma”.

São várias as dimensões da escrita em jogo na análise do *corpus* saussuriano, o que nos dá o alcance do trabalho realizado: a escrita ordinária, a escrita fonológica como instrumento científico e a escrita enquanto formalização, a escrita matemática. Há ainda uma dimensão da escrita chamada “a escrita do linguista”, aquela do próprio mestre genebrino. É nesse universo que Bruno busca compreender o modo como Saussure se insere no discurso da ciência linguística, deixando marcas como rasuras, brancos e acréscimos nos seus manuscritos. Está ainda em jogo o destino que Saussure deu aos seus escritos, tema que tem suscitado inúmeras hipóteses e indagações: a publicação, aquilo que foi para a lata de lixo, o que ficou guardado e só encontrado em 1996 etc.

Por outro lado, ao se voltar para o estabelecimento do texto do *Curso de Linguística Geral* (CLG), Bruno se dedica a uma leitura que visa a acompanhar a transmissão de uma fala. Os três cursos de Saussure – ministrados na Universidade de Genebra, são assim reconhecidos como um *Urtext*, perdido como tal para sempre, mas gerador de um movimento de transmissão, que se configura na edição do CLG.

Finalmente, um passo a mais é dado: a dimensão da escrita do psicanalista Jacques Lacan, cuja importância no trabalho se mede, antes de tudo, pelo papel da psicanálise como “método de leitura”, apoiado na hipótese do inconsciente. Mas não só isso: a psicanálise está ainda presente com o seu arcabouço teórico e terminologia própria na sustentação do texto, como, por exemplo, a expressão “saber-fazer com”, que está no título do livro e tem papel relevante na reflexão de Bruno Turra, assim como pelo uso que faz da topologia. Neste último caso, o autor adverte que ao recorrer a alguns elementos da topologia para pensar o movimento da escrita em Saussure, ele já os toma a partir da psicanálise e dos seus desdobramentos, tal como a noção de ex-sistência, explorada no trabalho.

Daniele Gambarara (2013), em prefácio ao livro de Pierre Yves Testenoire – *Les Anagrammes Homériques* – observa que este último pertence a uma nova geração de pesquisadores saussurianos, que reúnem o lado filológico e o lado teórico. Bruno também pertence a essa geração; não apenas pelas balizas do tempo, mas sobretudo porque ao tratar as diferentes dimensões da escrita se insere tanto no campo da filologia saussuriana – com grande zelo documental – quanto na reflexão teórica sobre o pensamento de Saussure.

O livro é o resultado desse entrelaçamento. Um exemplo entre tantos é a passagem que foi um dos alicerces da reflexão de Turra. Em sua primeira versão, tratava-se de um trabalho apresentado com grande aceitação, em janeiro de 2017, no colóquio *Cours de Linguistique Générale, 1916-2016, L'émergence*, ocorrido em Genebra. No livro a questão é aprofundada pela leitura de dois manuscritos – um fragmento do *Double Essence* (1891) e o *Inscriptions Phrygiennes* (1898). Lê-se que Saussure, ao tratar a relação de homologia entre língua e escrita, critica a paleografia por esta se mostrar alheia à possibilidade de “um duplo estudo, semiológico e histórico da escrita”, mas ele próprio apresentaria um ensaio paleográfico que se revela também inconsciente desse objetivo. Isto é, para Bruno, o *Inscriptions Phrygiennes* apresenta um “saber-fazer com a escrita” – a expressão lacaniana que remete a um saber que se mostra no texto saussuriano pelo trabalho de passagem da cifra à letra, mas sem teorização. O saber implicado em “saber-fazer com” não é a episteme. Os elementos presentes como pontuação, bidimensionalidade, direção de leitura, espaços entre letras, são entendidos como “ferramentas decifratórias” a que Saussure recorre.

Esses manuscritos mencionados estão distantes no corpo do livro, mas ao serem aproximados pela leitura de Bruno, é também a dimensão

“da escrita do linguista” – de Saussure – que emerge como objeto da teorização.

É importante lembrar ainda que na sua análise da escrita dos textos saussurianos Bruno não se alinha dentre aqueles que desqualificam o *Curso de linguística Geral* (CLG), publicado em 1916; reconhece que um estudo “que se quer de fôlego em Saussure deve extrapolá-lo, mas não deve dele prescindir” e assim conduz sua leitura, da qual depreende a constante reformulação do lugar da escrita face ao objeto da linguística.

Como vemos, o pensamento de Bruno Turra alia inovação e rigor; oferece um modo inventivo de ler Saussure para ao mesmo tempo segui-lo ao pé de sua letra.

*Maria Fausta Pereira de Castro*